



## **Tópicos da modernidade latino-americana: a cultura das mídias e as narrativas de convergência<sup>1</sup>**

Sebastião Guilherme ALBANO DA COSTA<sup>2</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

### **Resumo**

Neste estudo apontar-se-á parte das constantes que orientam a apreensão e a elaboração efetuada na América Latina dos conteúdos modernos, notadamente daqueles relacionados com a ascensão da indústria da comunicação e com o assentamento de uma cultura das mídias. Se entre nós, em princípio, a crítica às noções de realismo e nacionalismo, patentes nas correntes artísticas regionais no século XX, pode ser contundente, nela parece estar inscrita também uma espécie de estratégia para se chegar aos consensos que propiciaram a inteligibilidade do mesmo sistema moderno, aqui embasado em práticas discursivas que serão chamadas, para simplificar, de narrativas de convergência. Essas práticas anulam a disjuntiva entre arte e ofício, comunicação e estética, mas seu efeito mais visível é o rompimento da dicotomia entre tradição e ruptura.

### **Palavras-chave**

América Latina; narrativas de convergência; cultura das mídias; modernidade

O tema da tradição e da ruptura pode ser encontrado na base do pensamento latino-americano sobre a cultura na modernidade, talvez porque entre nós a ansiedade da influência se manifestasse desde as independências no século XIX. Mormente entre as elites produtoras e reprodutoras de opinião pública, chegou a ter conseqüências delirantes, a ponto de provocar o que Roberto Schwarz chamou de mal-estar intelectual (1997:35). Ocorre que o estágio imitativo do processo de aquisição e transmissão das formas discursivas ocidentais aqui pareceu projetar, sobretudo, o viés da nossa dependência epistemológica em relação às metrópoles, ao invés de apenas franquear o acesso à síntese cultural.

Isso posto, não estranha ser a crítica aberta às noções de realismo e nacionalismo (elas mesmas *importadas*) o que nos levou a solucionar, provisoriamente e já no século

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NP Jornalismo do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> O autor tem mestrado em *Estudios Latinoamericanos* na *Universidad Nacional Autónoma de México* (UNAM), onde também lecionou entre 1991-1995, e doutorado na Universidade de Brasília (UNB). Conta com artigos e capítulos de livros editados no Brasil, na América de língua espanhola e nos Estados Unidos.



XX, a tensão causada pelo fato de que, em aparência, não criemos nada novo em matéria de cultura. Para dar conta de alguns desses movimentos históricos, intentarei apontar parte das constantes que orientam a apreensão e a elaboração efetuada na América Latina dos conteúdos modernos, notadamente daqueles relacionados com a ascensão da indústria da comunicação e com o assentamento de uma cultura das mídias. Se em princípio a mencionada crítica às noções de realismo e nacionalismo pode ser contundente, creio que nela está inscrita uma espécie de estratégia artilosa que visa a fazer chegar aos consensos que propiciaram a inteligibilidade do mesmo sistema moderno, entre nós embasado em práticas discursivas que chamarei, para simplificar, de narrativas de convergência. Essas práticas anulam a disjuntiva entre arte e ofício, comunicação e estética, mas seu efeito mais visível é o rompimento da dicotomia entre tradição e ruptura. Esses últimos termos passaram a se reunir em uma equação retórica composta pela tradição da ruptura e pela ruptura da tradição.

Agora bem, a convivência e a eventual simbiose de modelos cognitivos dispares e anacrônicos configura para alguns um traço essencial da modernidade. Foi Octavio Paz quem observou uma tal ação dialética no plano da história das idéias e a identificou com o aludido movimento de tradição de ruptura e, conseqüentemente, de ruptura da tradição, para o poeta mexicano um dado incontornável para o equilíbrio da era moderna. “La oposición entre el pasado y el presente literalmente se evapora [...] Podemos hablar de tradición moderna sin que nos parezca incurrir en contradicción porque la era moderna ha limado, hasta desvanecerlo casi del todo, el antagonismo entre lo antiguo y lo actual, lo nuevo y lo tradicional” (1986:22).

Foi com o advento das vanguardas latino-americanas que as noções de realismo e nacionalismo adquiriram nuances imprevisíveis, favorecendo a substituição paulatina do complexo de êmulo por uma perspectiva mais pragmática, ao menos no campo da produção simbólica. Inicialmente, o realismo foi questionado de dentro, como sinal da crise da representação que os discursos da arte e sobre a arte vinham manifestando.<sup>3</sup> Já o nacionalismo, no Brasil e em diversos países da região (Argentina, Peru, Uruguai etc.),<sup>4</sup> despiu-se da roupagem oficial e ganhou uma conotação irônica e até cínica.

Os desdobramentos dessas modalidades na América Latina proporcionaram a chave para distender as idéias e revelar os conteúdos que sobressairiam no pensamento sobre a cultura. Basicamente, se aplacaria a urgência de rompimento com a tradição e se

---



explicitaria uma variante histórica que a própria modernidade instituiu, isto é, o ânimo de renovar sem romper que, decerto, aparenta ter algo de conservador. Se os enunciados que caracterizam a ordem simbólica da modernidade aqui tiveram um viés de crítica (ao realismo e ao nacionalismo), de dissensão, ao fim e ao cabo se percebe que essa indisposição apenas representou uma maneira para que nosso pendor à convergência narrativa se instituisse como outro modo de pensar aquela mesma modernidade.

No Brasil, quando Mário de Andrade e Oswald de Andrade trouxeram a categoria de antropofagia para o sistema interpretativo da cultura local e as operações de consumo, processamento e reprocessamento tornaram-se os termos que determinaram o novo método de aproximação, anunciaram também um programa. No âmbito hispânico a categoria de transculturação, criada pelo cubano Fernando Ortiz, teve atuação semelhante, malgrado aí a síntese se reportasse a uma atitude mais cerebral do que nossa voracidade de cultura. E foi outro cubano, Alejo Carpentier, quem cunhou o termo realismo maravilhoso para especificar o que ocorria com certos procedimentos relacionados com a mimese na literatura latino-americana, em contraste com o surrealismo europeu.

O crítico Robert Stam estima que: “Since Latin America has been economically, politically, and culturally marginalized, critics such as Emir Rodriguez Monegal and Haroldo de Campos argue, its best artists have made this marginalization, this ironic sense of belonging to two cultures –one’s own and that of the metropolitan centers of power – absolutely central to their work. As necessarily bicultural and often tri-cultural people, Latin American artists and intellectuals inhabit a peculiar realm of irony where words and images are seldom taken at face value, whence the paradigmatic importance of parody and carnivalization as ‘ambivalent’ solutions within a situation of cultural asymmetry. Latin American art is necessarily parodic, caught in specular games of doubling and redoubling [...]” (2005:318).

Em razão da vasta bibliografia sobre os temas do realismo mágico e da descolonização do imaginário que supuseram as vanguardas, os tomarei como verdades adquiridas e prosseguirei no sentido de desenvolver, sob novo enfoque, a noção de narrativas de convergência. Começarei dizendo que vários fatores confluíram para que os problemas e as soluções surgidas na reflexão sobre as formações culturais na América Latina se tornassem uma das matrizes do pensamento sobre a cultura realizada pelas ciências humanas e sociais a partir de meados do século XX. Entre as mais importante estão os recentes movimentos de libertação da Ásia e da África e nossa



experiência anterior de descolonização, ademais do propalado *boom* da literatura hispânica nos decênios de 1950 1960 e 1970 (especialmente da literatura do realismo mágico), da emergência dos meios de comunicação como fenômenos de cultura popular internacional, da influência das teorias pós-modernas (pós-estruturalistas, pós-coloniais etc.) e, finalmente, da sanção desses movimentos pela academia norte-americana. Aqui as discursividades modernas foram propiciadas, explicitamente, por circunstâncias às vezes inóspitas, e sua legitimação teórica nos países centrais, suscitou, finalmente, a possibilidade de se reunir em um mesmo sistema de reflexão o modernismo artístico, a modernidade filosófica e o subdesenvolvimento político-econômico.

Com efeito, a nossa modernidade epistemológica, cuja rubrica é demonstrar a possibilidade de reunião das antípodas, revelou-se em paralelo com a autocrítica das ciências humanas e sociais empreendida a partir da filosofia francesa (Michel Foucault e Jacques Derrida) e dos estudos culturais britânicos (Raymond Williams, Richard Hoggart), ambas as correntes desenvolvidas na academia norte-americana com grande presença de pesquisadores de origem asiática e latino-americana. Assim, estranhamente, a configuração do sistema da pós-modernidade atuou para despertar a consciência de nossa modernidade, precisamente porque tendíamos a colocar em cheque, há muito tempo, os modos de representação que no Ocidente *tipicamente* moderno estavam calcados na razão realista e na necessária cisão entre os campos do conhecimento científico. Exatamente as séries da civilização ocidental que entraram em crise.

O viés pseudo-integrador de estilos artísticos e de epistemes das ciências sociais na pós-modernidade justificou a antiga prática regional de entender qualquer enunciado em termos históricos e idiossincráticos, inclusive submetendo o padrão das ciências duras ao arbítrio das interpretações culturais, e não o inverso como era hábito. O fato de que na América Latina, devido ao perfil da colonização, sempre houvesse a reunião das figuras do religioso, do político, do poeta, do homem de leis e do burocrata em uma só pessoa, resultou na combinação de argumentos de proveniência diversa em poucos discursos. Ángel Rama alude a uma tal situação em *La ciudad letrada*, mas Nelson Werneck Sodré deixa claro o modo como ocorreu quando recorda que no século XIX tratou-se “de formar, no meio ainda eivado dos sinais da estrutura colonial, elementos dignos de constituir a elite intelectual do novo país, capazes de dar a fisionomia, a aparência, o aspecto formal, ao aparelho de Estado, dos elementos que vão traduzir o pensamento político e que, por ser diminuta a camada dotada de instrução, vão também dar a forma das manifestações literárias” (1976:145). Já Antonio Candido reelabora a



sentença para confirmar que, na América Latina, desde o século XVIII “tudo se banhou de literatura, desde o formalismo jurídico até o senso humanitário e a expressão familiar dos sentimentos” (1989:180).

Seguindo sinais teóricos mais gerais, talvez não seja arbitrário dizer que foi a partir de que David Ricardo, em 1817, agrupou em uma única disciplina as relações entre o valor das mercadorias, os impostos que incorrem sobre elas e suas conseqüências nas práticas sociais, que se pode advertir no pensamento ocidental moderno uma certa tendência à reunião das ramificações do saber humano. De qualquer maneira, é significativo que o judeu londrino não ensejasse associar apenas a economia e a política, mas dar-lhes um método de ciência natural.

Não se deve ignorar o afã de especificidade de disciplinas surgidas a partir do século XVII, concomitantes à crescente divisão do trabalho físico e intelectual necessária para o equilíbrio das sociedades capitalistas. Recorde-se, por exemplo, que o lema da *Royal Society of London*, instituição fundada em 1660, é *nulius in verba*, o que evoca uma espécie de cisma entre as modalidades retóricas e físicas já no alvorecer da era moderna. Mesmo assim, tampouco se deve deixar de perceber que o pensamento gerado na América ou sobre a América, cuja materialização se deu por intermédio de idiomas europeus em contato com os vernáculos, promoveu a visibilidade de uma razão derivada do encontro de saberes e costumes. À parte, outros fatores históricos moldaram nossa inclinação pelo discurso menos rígido, talvez de perfil sociológico, de vez que houve, muitas vezes por lei, pouco fomento às ciências naturais aqui. Menciono a proibição de se manufaturar qualquer produto na região que não fosse estritamente funcional para o caráter exportador de matérias-primas que a colônia tinha. Também importa o veto à posse de máquinas de imprensa na América portuguesa até 1808 e as restrições ao seu uso na América espanhola. Estava delineado o contorno de um tipo de sociedade dependente de um conhecimento oficial gerado nas metrópoles.

De fato, a chamada crise da representação e o surgimento das ciências humanas e sociais por volta de 1800, referidas por Michel Foucault em *As palavras e as coisas* (1966), são mesmo o melhor exemplo do ponto em que, no que tange aos pressupostos da modernidade, houve a consciência da dissonância e da diferença como integrantes indissolúveis dos saberes e dos métodos de indagação dos fenômenos para a manutenção do formato de sociedade. De então a esta parte, a confluência da crítica aos procedimentos, no interior da ordem teórica que descreve os métodos, mostrou-se como



uma constante e instaurou-se como outra das marcas recorrentes que aparece ao pensar-se a modernidade.

De modo geral, na América Latina essa preocupação epistemológica pode ser descrita nos *objetos de estudo* da literatura e da comunicação social na região, que, a meu ver, sempre incorporaram os sistemas interpretativos de cunho antropológico, estético e sociológico. Na atualidade, essa visão abrangente é sancionada pelos estudos culturais, que precisamente operam como expressão da modernização epistemológica, que visa a dar conta das constantes variações de textualização e simbolização que se coordenam nas práticas sociais contemporâneas. A noção de narrativa de convergência compreende, neste caso, tanto a consolidação da diferença nos processos de assimilação dos conteúdos da modernidade, como nos processos de representação dessas idiosincrasias, e funciona como um termo síntese para atestar essa atualização dos modelos cognitivos.

Na América Latina, a entrada à modernidade supôs rupturas relativas em relação ao seu passado cultural, o que sugere uma formação à margem das metrópoles européias. Muito embora o desenvolvimento aqui não tenha significado exatamente o que acredita Jesús Martín Barbero, isto é, “desarrollarse para los países del tercer mundo se identificó con asumir la negación y superación de todas sus particularidades culturales y civilizatorias” (1999:35), coisa que de fato ocorreu na Europa, deve-se ter presente a distância entre desenvolvimento e modernidade. Constatou-se uma vertente do processo modernizador ancorada em uma racionalidade explicitamente dialógica, sem a preservação de limites rigorosos entre os modos de observar e de relatar o mundo. Ademais, nunca efetuamos por completo o desencantamento da visão do mundo como parece haver ocorrido em outras sociedades complexas, que passaram do intercâmbio tradicional de saberes por via oral à modalidade escrita e racionalizada. Como diz ironicamente José Joaquín Brunner, “nuestra verdad, acaso no lo sabe usted, es mágico-real” (1992:121).

Alguns dados revelam nossas especificidades. Por exemplo, o debate corrente no século XIX sobre a literatura pura ou a arte pela arte parecia apenas poder ser travado em sociedades em que era já um problema a circunstância de os artistas reconhecerem a ameaça do conluio entre as leis formais e as leis de mercado no interior de suas obras. É o caso da França e do Reino Unido, em que a média de romances publicados ao ano entre 1840 e 1890 foi superior a 400 (ADORNO, 1962:103 e ORTIZ, 1995:24). Na América Latina os índices de analfabetismo de cerca de 90% da população ao iniciar o



século XX e de 50% em 1940 impõem novos parâmetros. Certamente, a hesitação de alguns intelectuais em incluir-nos no grande projeto do Ocidente vem de uma percepção enviesada dos planos de modernização sócio-econômica e das empresas do modernismo estético. Quando se percebe, por exemplo, que na América Latina até a imprensa ilustrada com charge, publicidade e com espaço dedicado ao romance de folhetim, portanto um meio já aclimatado a um público urbano com pouca disposição para a leitura pausada, estava longe do alcance das massas, pode-se ter uma idéia da dificuldade de alinhamento da região (BRUNNER, 1992:121).

Antonio Candido e Nicolau Sevcenko (1985 e 1985) dão indícios para a compreensão desse modelo latino-americano quando se referem ao campo literário no século XIX. Argumentam, por exemplo, que os escritores aqui faziam uma arte missionária, cujas produções encerravam tanto enunciados políticos como sociológicos. Daí, não obstante o analfabetismo, ocorre que as mensagens que circulavam nos livros e jornais não permaneciam confinadas à palavra escrita, de vez que se desdobravam em canais de ordinário vinculados à oralidade (da história oral, das lendas, da crítica aos costumes sociais e políticos etc.), fazendo que o conteúdo dos textos adquirissem o tom da simbologia popular. Carlos Monsiváis registra esse fenômeno quando recorda que, mesmo analfabetos, os hispano-americanos no final do século XIX gostavam de declamar seus poetas favoritos (1995:205). Isso implica ainda a circunstância de que os estados nacionais aqui, à diferença do que afirmou Benedict Anderson acerca dos europeus e dos Estados Unidos, não puderam basear sua formação imaginária de todo nos romances e nos diários, devendo esperar até meados do século XX para que o rádio e o cinema terminassem de cumprir a tarefa de unificar as mentalidades institucionalmente. Carlos Monsiváis mesmo tem uma assertiva já famosa sobre o caso mexicano ao dizer que “el público no iba al cine a soñar, sino a aprender, sobre todo a aprender a ser mexicanos” (1976:446).

Dessa maneira, é natural se pensar de imediato em um fenômeno de *latino-americanização* na formação dos recortes epistemológicos ocidentais nos últimos quarenta anos do século XX, quando houve a ocorrência dos enunciados da chamada pós-modernidade e nossa inclusão nos debates. É certo que a pugna com o logocentrismo e o estatuto da palavra escrita como única instância legitimadora de argumentos e principal vínculo de significação, evidenciada com a emergência dos estudos subalternos, os estudos pós-coloniais, os estudos de gênero etc., incorporaram nossa agenda histórica à rotina acadêmica e filosófica do Ocidente (MIGNOLO, 1996).



Mesmo assim, talvez fosse mais razoável admitir que a dinâmica gerada pelos novos meios de representação, intérpretes privilegiados das relações sociais, reivindicou a expansão do debate.

A elevação do status de processos cognitivos paralelos ilustra também o fim da cisão entre os estudos sobre a arte e a literatura e sobre as manifestações da cultura popular, notadamente o folclore, e as produções da mídia, distância que na América Latina em realidade nunca existira dada a peculiaridade da sociedade regional. Da última geração de pensadores, Carlos Monsiváis talvez seja o precursor da perspectiva convergente e provisória das definições de cultura entre nós, notadamente quando escreve que cultura popular é “aquello asimilado orgánicamente a la conducta y/o a la visión de las clases mayoritarias” (1991:98). No caso de países considerados centrais como a França e o Reino Unido, por exemplo, foi acentuada a distinção entre alta cultura e cultura de massas até meados do século XX (HOOGART, 1971 e ORTIZ, 1995).

Um dado importante na descrição de nossa ascensão a sujeitos da reflexão cultural contemporânea pode ser que os projetos de autenticação dos estados nacionais na América Latina supuseram também a criação sob decreto de mercados internos e o conseqüente aumento da complexidade das relações sociais. O sistema educativo funcionou invariavelmente como propedêutico para a incorporação das massas à maioria do capitalismo periférico. Nesse sentido, pode-se afirmar que a Argentina e o Uruguai foram os países da região em que os conteúdos da modernidade repercutiram mais rapidamente na constituição das estruturas estatais. E isso tanto no que tange ao sistema de ensino público como à criação de uma indústria cultural que se incumbisse de replicar em código mundano os esquemas de formação da identidade.

Na Argentina, por exemplo, o governo de Hipólito Yrigoyen (1916-1930) apoiou o *Consejo Nacional de Educación* ao encarregá-lo, nos primeiros três decênios do século XX, de homogeneizar culturalmente um contingente escolar que em Buenos Aires tinha uma parcela de estrangeiros de quase 20%, muito embora essa fosse de cerca de 40% da população total do país. Para tanto, foi necessário a implementação de “uma cultura común, unificada y poco respetuosa de los pluralismos, pero, al mismo tiempo, instrumento eficaz en la incorporación a la ciudadanía y al mundo del trabajo, cuando los medios de comunicación emergentes [...] no habían planteado al Estado el desafío que le plantearían décadas después ni habían todavía comenzado a soñar que podrían desplazarlo como agente de identidad y cultura” (SARLO, 1989:76 e 77).





Sobre a conformação da infra-estrutura para a proliferação de um mercado cultural mais diversificado, se no Uruguai destacou-se sobretudo a excelente cadeia de exibição de filmes, na Argentina criou-se uma rede de distribuição que atualizou o mercado interno e também o do Chile, da Bolívia, do Paraguai, do Peru e mesmo do Uruguai com títulos do mundo todo. Ademais, mais importante ainda foi a fundação de uma pequena indústria cinematográfica que, guardadas as proporções, chegou a competir em penetração cultural com os filmes de Hollywood, da Europa e do México, projetando tangos e milongas e prescrevendo comportamentos para todo o continente na voz de Carlos Gardel e nas expressões de Libertad Lamarque (PARANAGUÁ, 2003:19).

Se a Argentina e o Uruguai são exceções na Região, no México o papel dos intelectuais durante a Revolução de 1910 e nos governos pós-revolucionários é a norma entre a relação de simbiose do estado com a cultura e a mídia para a constituição das nacionalidades na América Latina e a modernização relativa da sociedade. Primeiro pela atitude redentora que tais sujeitos assumiam diante da grei inculta. Segundo, devido à situação de dependência que os Estados Unidos mantinham particularmente em relação ao país, muito embora também sobre todo o continente. Terceiro, pelo alcance do programa autoritário de incorporação dos estamentos mais diversos da sociedade às estruturas estatais, prática que mais tarde seria classificada com o título de populismo.

José Vasconcelos, o reputado sábio nacionalista, encabeçou a secretaria de Educação Pública do México no primeiro governo gerado pela constituição revolucionária promulgada em 1917. Desde o início parece ter-se imbuído da tarefa de civilizar as hordas indígenas ou mestiças que em sua opinião estavam desprovidas de cultura valiosa. Foi o criador do conceito de *raza cósmica*, cujo embasamento metafísico se referia a que os valores exponenciais das raças indígena e branca se materializariam na mestiçagem, e levou adiante as missões alfabetizadoras, em que vários nomes de vulto da cultura latino-americana participaram, entre eles a poeta chilena Gabriela Mistral, e o intelectual dominicano, Pedro Henríquez Ureña.

Foi ainda o principal mecenas dos pintores muralistas Diego Rivera, David Alfaro Siqueiros, José Clemente Orozco e Roberto Montenegro, bem como do músico Silvestre Revueltas, entre outros artistas que de pronto viram suas obras serem plasmadas nas paredes dos edifícios públicos, ocuparem teatros e integrarem o currículo do ensino básico. O êxito de ambas as empreitadas foi relativo, mas, de qualquer



maneira, criou-se um marco de referências formais e temáticas que determinou a produção artística no país ao longo de todo o século XX.

No terreno da alfabetização houve quase um fracasso. Em 1921 o México tinha 14.3 milhões de habitantes e cerca de 66.2 por cento de analfabetos, segundo cifras oficiais do *Instituto Nacional de Estadísticas, Geografía e Informática* (INEGI, 1999:93). Já em 1930 os iletrados alcançavam 62 por cento dos 16.5 milhões de mexicanos. Mesmo assim, o incentivo à subvenção na edição de livros e sua preocupação com a qualidade do currículo escolar resguardam seu mandato de críticas aviltantes (BLANCO E AMADOR, 1982:84).

Com as artes e os discursos midiáticos a situação foi mais complexa. Nos primeiros anos pós-revolucionários os artistas foram os grandes privilegiados pela enorme disposição do ministro, mas sua insistência no caráter didático da arte sobrecarregou o regime representativo. Nos primórdios da *Época de Oro* do cinema mexicano, iniciada em 1936 com a comédia campirana *Allá en el Rancho Grande*, de Fernando de Fuentes, a fórmula de evocar a paisagem rural como *locus amaenus* do nacionalismo permitiu uma elaboração estética que alcançou seu auge na dramatização trágica dos filmes de Emilio *Indio* Fernández e da fotografia de Gabriel Figueroa. Todavia, durante o governo liberal do *revolucionário* Manuel Ávila Camacho (1940-1946), quando os Estados Unidos ofereceram ajuda ao México para alavancar a sua produção fílmica e minorar a influência da Argentina, país que teve uma ambigüidade incômoda em relação a quem apoiar durante a II Guerra Mundial, o acréscimo na produção não repercutiu na reformulação estética (BLANCO E AMADOR, 1982: 62).

De qualquer maneira, o apoio à produção foi tão significativo que repercutiu numa quase consolidação da indústria cinematográfica do México e numa supremacia incontestada na América Latina. Entre 1930 e 1996, por exemplo, foram produzidos onze mil filmes na região, sendo cinco mil deles no México, dois mil e quinhentos no Brasil e dois mil na Argentina. Essas cifras somam 89 por cento das películas rodadas na região (GETINO, 1988:50). Importa acrescentar que no que se refere a possíveis logros estéticos das produções, a partir do decênio de 1950 e até o final de 1970, as cinematografias da Argentina e do Brasil tiveram maior expressão.

A cultura das mídias, consolidada durante o avanço das massas heterogêneas e a necessidade de incorporá-las por completo ao mundo capitalista, é mesmo um produto do modelo de civilização forjado por valores norte-americanos, transformados em globais por uma espécie de ação ideológica, ou uma sistematização das idéias sem



precedentes. Entre nós o interesse teórico pela sociedade de massas se consolidou a partir da ingerência dos meios de comunicação em duas instâncias sociais. Primeiro no campo da cultura e da arte, onde cabe recordar que nunca houve obsessão pela definição, por separado, de alta cultura, cultura popular ou cultura de massas, malgrado os libelos *Nuestra América*, 1891, do cubano José Martí, e *Ariel*, 1900, do uruguaio José Enrique Rodó, terem sido referências de contrariedade das novas consignas culturais. Segundo, no campo da reflexão política, ao princípio orientado pelo *terceiro-mundismo* e depois pela resistência às ditaduras, notadamente as do Cone Sul.

A modernização *ocidentalista* das sociedades latino-americanas parece ter sido empreendida mediante a combinação de saberes de proveniência diversa que foram institucionalizados tanto pela modalidade escolar de aprendizado, como por um doutrinamento das mensagens próprio dos meios de comunicação. Apesar de sua estrutura técnica desnacionalizada, a produção *mediática* que os latino-americanos fruíam teve, especialmente até o decênio de 1960, um acentuado subtexto nacionalista, porquanto os habitantes da região tornaram-se *cidadãos multimidiáticos*. Uma análise dos modos de representação de diversos programas e produtos dos meios, como o cinema, por exemplo, acusaria um pendor pela história nacional ou temas afins, o que denota o esforço da imaginação em retratar ou subverter os parâmetros de compreensão da identidade, certamente caudatária dos procedimentos modernistas (vanguardistas) de compreensão desses tópicos nacionais.

A complexidade da formação da identidade cultural da região inscreve-se na epistemologia abrangente do campo da comunicação, que encerra o interesse pelos modelos discursivos, pelas tecnologias de apreensão, elaboração e transmissão de conhecimento e seus efeitos. Esses tópicos são tutelados pela matriz de uma civilização vinculada ao advento do capitalismo transnacional e sua crescente necessidade de mobilizar e justificar conteúdos políticos e econômicos. Deve-se a isso o fato de alguns autores tenderem inclusive a matizar a existência de uma esfera pública burguesa na América Latina, ancorada no debate de idéias por escrito, e condicionarem a efetivação desse espaço de discussão ao advento dos meios eletrônicos, resultando em seu rebatizado como esfera pública plebéia (BRUNNER, 1988 e CANCLINI, 1994). Não foi apenas a modernidade epistemológica que se nos apresentou em formato de pós-modernidade, mas a mesma renovação dos nacionalismos no século XX foi empreendida ao mesmo tempo como uma espécie de crítica, pelo modernismo, e como



neutralização dos seus postulados mais incisivos, pela estrutura transnacional dos meios de comunicação.

Jesús Martín Barbero e Germán Rey estimam o seguinte: “Por más escandaloso que suene, es un hecho cultural que las mayorías en América Latina se están incorporando a, y apropiándose de la modernidad sin dejar su cultura oral, esto es, no de la mano del libro sino desde los géneros y las narrativas, los lenguajes y los saberes, de la industria y la experiencia audiovisual. [...]Lo que entonces necesitamos pensar es la profunda compenetración –la complicidad y complejidad de relaciones- que hoy se produce en América Latina entre la oralidad que perdura como experiencia cultural primaria de las mayorías y la visualidad tecnológica, esa forma de ‘oralidad secundaria’ que tejen y organizan las gramáticas tecnoperceptivas de la radio y el cine, del vídeo y la televisión. Pues esa complicidad entre oralidad y visualidad no remite a los exotismos de un analfabetismo tercermundista [...]” (1999:34).

A tendência do pensamento contemporâneo sobre a comunicação e a cultura em verdade visa a incorporar os enunciados da economia, da política e das ciências naturais aos regimes do conhecimento simbólico (SAHLINS, 2003). Esse fato se deve a que já não parecem pertinentes as distinções tradicionais entre os saberes, mesmo que essa constatação se deva à falaciosa evidência de sua inter-relação no mundo da vida. Com efeito, um dos espaços mais propícios para ilustrar o nexo entre retórica, técnica e ciência é o que se vislumbra na ação dos discursos da comunicação, do jornal à Internet, mediadores do conhecimento nas sociedades contemporâneas.

Se bem é certo que estão permeados por estímulos de ordem técnica e científica (cibernética, biotecnologia etc.), os hábitos de produção e consumo da sociedade do conhecimento adquirem cada vez mais um certo matiz estético ou retórico, em muito devido à sua sofisticação prática e à impossibilidade de o homem leigo assimilar todos os pressupostos inscritos na apresentação dos objetos e demais manifestações da cultura. Dessa maneira, a tarefa de orientar sobre os modos de uso ou de explicar as possibilidades de comportamento perante os estímulos da civilização muitas vezes é efetuada pela mídia, ela mesma refinado artefato gerado e gerador de práticas sociais, notadamente aquelas que convertem em subjetividade os argumentos da vida material.

### **Referências bibliográficas:**

ADORNO, Theodor W.. **Notas de literatura**, trad. de Manuel Sacristán. Barcelona: Ariel, 1962.



BARBERO, Jesús Martín, “Globalización comunicacional y descentramiento cultural”. In: Rubens Bayardo e Mónica Lacarrieu (comp.). **La dinámica global/local**. Cultura y comunicación: nuevos desafíos. Buenos Aires: 1999.

BARBERO, Jesús Martín e Germán Rey. **Los ejercicios del ver**. Hegemonía audiovisual y ficción televisiva. Barcelona: Gedisa, 1999.

BLANCO, Jorge Ayala e María Luiza Amador. **Cartelera cinematográfica 1930-1939 y 1940-1949**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1982.

BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil – 1900**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975 [1956].

BRUNNER, José Joaquín. **América Latina: cultura y modernidad**. México: Grijalbo/Consejo Nacional para la Cultura y las Artes, 1992.

\_\_\_\_\_, **Un espejo trizado**. Ensayos sobre cultura y políticas culturales. Santiago: Flacso, 1988.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**. Estratégias para entrar y salir de la modernidad. México: Grijalbo, 1990.

\_\_\_\_\_(coord.). **Los nuevos espectadores**. Cine, televisión y video en México. México: Consejo Nacional para la Cultura y las Artes e Instituto Mexicano de Cinematografía, 1994.

CANDIDO, Antonio. “Literatura de dois gumes”, **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989.

\_\_\_\_\_. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Nacional, 1985.

**Estadísticas históricas de México**. Instituto Nacional de Geografía, Estadística e Informática (INEGI), 1999.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. Uma arqueologia das ciências humanas, trad. de Antonio Ramos Rosa. Lisboa: Portugalíia, 1966.

GETINO, Octavio. **Cine y televisión en América Latina**. *Producción y mercado*. Santiago de Chile: LOM ediciones/Ediciones Ciccus, 1998.



GUMBRECHT, Hans Ulrich. **A modernização dos sentidos**, trad. Lawrence Torres Pereira. São Paulo: 34, 1998.

HOGGAART, Richard, **La cultura obrera en la sociedad de masas**, trad. de Bertha Ruiz de la Concha. México: Grijalbo, 1971 [1957].

MICELI Sérgio. **Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001 [1979].

MIGNOLO, Walter. “**La razón postcolonial**. Herencias coloniales y teorías postcoloniales”, Gragoatá. Niterói: n.1, 2 sem. 1996.

MONSIVÁIS, Carlos. “Literatura latinoamericana e indústria cultural”. In: Néstor García Canclini (comp.), **Cultura y Pospolítica**. El debate sobre la modernidad en América Latina. México: Consejo Nacional para la Cultura y las Artes, 1995 [1991].

\_\_\_\_\_ “Notas sobre la cultura mexicana en el siglo XX”, *Historia general de México*, vol. IV, México, El Colegio de México, 1976.

Ortiz, Renato. **A moderna tradição brasileira**. Cultura brasileira e indústria cultural. São Paulo: Brasiliense, 1995 [1988].

PARANAGUÁ,, Paulo Antônio. **Tradición y modernidad en el cine de América Latina**. Madri: Fondo de Cultura Económica de España, 2003.

Paz, Octavio. **Los hijos del limo**. Del romanticismo a la vanguardia. Barcelona: Seix Barral, 1987 [1986].

RICARDO, David, **Princípios de economia política e de tributação**. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2002 [1817].

ROWE, William e Vivian Schelling. **Memory and Modernity**. *Popular Culture in Latin America*. Londres-Nova York:Verso, 1991.

SAHLINS, Marshal. **Cultura e razão prática**, trad. Sérgio Tadeu de Niemayer Lamarão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003 [1976].

SARLO, Beatriz. **La máquina cultural**. Maestras, traductores y vanguardistas. Buenos Aires: Ariel, 1989.

SCHWARZ, Roberto. “**Nacional por subtração**”, *Que horas são?*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 [1987].

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**. São Paulo: Brasiliense, 1985.



SODRÉ, Nelson Werneck. **Historia da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

STAM, Robert. **Literature Through Film**. Realism, Magic, and the Art of Adaptatio. Massachussets, Oxford e Victoria: Blackwell, 2005.